

José Mauricio de Carvalho*

Implicações de viver o sentido: por uma aproximação de Victor Frankl com Ortega y Gasset

Não será que em vez de correr atrás dos artefatos da época, na forma de positivismo lógico e epistemologia, o pensamento não deveria assumir um outro caráter? Sem dúvida que não poderemos saltar para fora do mundo técnico. Ele constitui uma condição necessária da e para a existência moderna. Mas não é uma condição suficiente. Pois em sua insuficiência não atinge o horizonte a partir do qual a existência do homem poderá talvez ser libertada.

(Martin Heidegger)

RESUMO

Neste trabalho examina-se o significado que a questão do sentido adquiriu na fenomenologia da liberdade. A vida do homem passa a ser considerada como um que fazer, como um escolher em situação. Olha-se o problema como direção pois o homem caminha sempre a frente de si próprio e como compreensão, quando a direção é pensada conforme seu objeto. Toma-se o filósofo espanhol Ortega y Gasset como um dos intérpretes do assunto e aponta-se as implicações que o assunto teve na psicologia fenomenológica, mais especificamente a partir das considerações de Victor Frankl.

Palavras-chave: Sentido; Liberdade; Direção; Fenomenologia; Psicologia existencial.

ABSTRACT

This study exams the meaning that the question about the sense has acquired in the phenomenology of the liberty. Human being`s life starts to be considered as a what do do, how to choose in a situation. The problem is seeing as a direction because the human being always walks beyond his time and as an understanding when the direction is thought as his goal. The Spanish philosopher Ortega Y Gasset is taken as one of the interpreters of the subject and points the implications that the subject has had on the phenomenology psychology, more specific starting at Victor Frankl`s considerations.

Keywords: Sense; Liberty; Direction; Phenomenology; Existencial Psychology.

* Doutor e professor de Filosofia da UFSJ, Email: mauricio@ufsj.edu.br

Considerações iniciais ou a relevância da questão

Victor Emil Frankl (1905-1997), médico e psiquiatra austríaco, dá, com sua obra, a dimensão do problema que vamos examinar, o que é o sentido da vida e qual sua importância. Frankl retoma a questão que Albert Camus justificou como a única digna de ser efetivamente meditada: *como é o sentido da vida humana?* A vida vale a pena ou o suicídio é o que se nos oferece como alternativa mais plausível? O filósofo francês trata a questão do sentido nos romances *A Peste* e *O Estrangeiro*, bem como nas peças de teatro *Calígula* e *Os Justos*. E como nota, com sutileza Christina Espínola, comentarista de Camus, o suicídio do corpo para o filósofo é só um aspecto do problema, o suicídio do pensamento “acaba por levar o homem a um mundo irreal, onde o absurdo da existência, sua falta de sentido seria a solução.” (p. 41). E o filósofo francês diz que devemos viver com o que a vida nos dá, sem buscar por um sentido, pois a morte anula qualquer esforço nesse sentido. Apesar disso, proclama a luta sabidamente inglória. Essas questões movem a investigação de Frankl: será essa a realidade do homem? Será inútil buscar um sentido? Parece ser o que Frankl espera responder com *A questão do sentido em psicoterapia*.

O problema do sentido proposto apresentado por Frankl é a questão contemporânea que nasce da meditação sobre a liberdade humana, pois nela reside o problema do sentido. Podemos viver sem essa ocupação? Há pessoas que, em sua vida singular, não se ocupam de pensar o assunto, não se preocupam com um nexos para sua trajetória, mas teriam uma existência razoável e feliz? Podemos viver sem um sentido? Podemos deixar de nos ocupar com nossa liberdade? E agora o mais importante: O fato de não pensar sobre o sentido significa que podemos viver sem considerá-lo? Aquilo que a Filosofia Clínica considera como busca se resume a ter clara consciência da direção da vida? Ou busca na clínica é o que expressa a direção existencial e o risco contínuo de escolher, como está sugerido em *Estudos de Filosofia Clínica, uma abordagem fenomenológica*. Emmanuel Mounier trata da questão do sentido em *Introdução aos existencialismos*, onde o sentido aparece na constituição (1963): “de homem que feito para a opção não pode ser outro senão o estatuto do ser do risco.” (MOUNIER, 1963, p. 69). Vamos examinar a proposta de Victor Frankl como parte do que a fenomenologia existencial esboçou como resposta para o problema, aproximando-a da noção de projeto vital elaborada por Ortega y Gasset.

Na principal obra da primeira fase de sua reflexão filosófica intitulada *La Meditación del Quijote*, o filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955) estabelece as bases de uma ontologia na qual insere a questão do sentido como identificadora da vida humana. Conforme se disse em *Ortega, a vida como realidade metafísica* (2015):

Daí a caracterização da vida como o grande problema a ser desvendado. [...] Viver é realizar um programa, um destino, desenvolver um projeto vital num mundo que se encontra aí. [...] Assim, a característica principal da ontologia raciovitalista é conceber a vida como tarefa de vencer a circunstância no quanto ela impede a realização do projeto vital. A ação guarda uma fidelidade ao núcleo interior do sujeito que o filósofo formula como obrigação ética. (CARVALHO, 2015, p. 171).

A questão do sentido em Ortega y Gasset, como também comenta Gilberto KUJAWSKI em *O sentido da vida*, tem um aspecto ontológico quando reconhece o viver como aventura biográfica ou singularíssima e essa é a questão fundamental que se deseja realçar. Viver é radical não porque, diz Kujawski, (2010): "é única, nem a mais elevada, respeitável ou sublime e sim porque é a raiz – de onde radical – de todas as demais." (KUJAWSKI, 2010, p. 19). Viver significa, simplesmente, escolher o que se vai fazer a cada instante, optar aqui e agora pela trajetória que se quer seguir. Daí a absoluta importância do tema. Por isso, de modo mais ou menos consciente, nos colocamos o problema do sentido que se encontra presente em cada escolha que fazemos. Assim é porque sentido é a razão de ser de algo, implica em consciência, intento ou propósito na escolha, constituição de um nexos que ordene as escolhas, mas também a própria escolha, orientação, direção, rumo. E esse rumo necessita daquela verdade íntima que algumas vezes se chamou vocação, outras eros, e é a força que nos leva para algo. Isto significa que seguir a vocação, ou não recusar a jornada íntima do eros, é uma das formas de entender a criação do sentido. Portanto, sentido é direção e também nexos e significado. O primeiro representa o ir a algum lugar ou alvo, o nexos o que junta as escolhas num todo que nos identifica e o significado a razão que damos para as escolhas feitas.

O sentido é um ir ao futuro, implica em reconhecimento e planejamento, mas não perde de vista o tecido de que somos feitos, da circunstância em que estamos e que faz parte de nós. A orientação para o futuro mostra que a vida contém acasos que podem alterar ou destruir o projeto vital como: doenças, catástrofes, perda de patrimônio, etc. Se no segundo caso, o do nexos e dos significados, se pode dizer que nem todos se ocupam de pensar a respeito, do primeiro significado não há como escapar, pois todos os homens fazem escolhas e isso é viver. Segundo Ortega viver é o que fazer¹.

O problema do sentido que aparece no pensamento de Ortega y Gasset, e de representantes da fenomenologia existencial, foi colocado por Frankl na perspectiva psicoterapêutica². A reflexão filosófica para não se perder necessita partir e considerar o conhecimento que a ciência acumulou³. Nesse caso, consideramos particularmente a relação entre a Filosofia, a Biologia e a Psicologia Existencial.

¹ E justo por considerar que o sentido pode ser considerado tanto na escolha do que fazer, quanto no esforço espiritual de meditar sobre o futuro e construir nexos sobre os fatos vividos que se considera no livro *Estudos de Filosofia Clínica, uma abordagem fenomenológica* o tópico 11 - busca, como um dos mais significativos na configuração da EP. Afirma-se (2008): "o tópico busca considera especialmente o sentido da direção presente nas ações" (CARVALHO, 2008, p. 35). Por sua vez, o entendimento de que o tópico 11 é um dos aspectos estruturantes da EP volta a ser abordado no capítulo 4 de *Diálogos em Filosofia Clínica*, onde se examina especificamente o tópico 11 para considerá-lo "a expressão da liberdade constitutiva do homem. É ele que permite ao homem fazer-se a si mesmo" (Idem, p. 82). Portanto, se nem todos meditam sobre o futuro, se nem todos se preocupam em construir nexos com os fatos vividos, as escolhas pessoais que dão direção à vida é algo a que todos os homens se dedicam. Daí se considerar, nas duas obras, o tópico 11 como um dos tópicos estruturadores da EP, o que parece uma novidade na forma como o assunto foi considerado.

² Como se disse no artigo *O problema do sentido* (2010): "A questão do sentido ganhou importância como resposta à desorientação das pessoas neste nosso tempo. É o problema fundamental da analítica existencial desenvolvida por Martin Heidegger, mas como noto Victor Frankl, o problema do sentido tem implicações mais extensas e não se limita à dúvida teórica própria do filosofar" (CARVALHO, 2010b, p. 43).

³ No livro *Filosofia*, Karl Jaspers ensina que a reflexão filosófica não pode prescindir do conhecimento, nem deixar de partir de onde a ciência de certo tempo chegou. É esse conhecimento que permite não só

O sentido como projeto vital em Ortega y Gasset

No item anterior pode-se indicar que o problema do sentido aparece na reflexão orteguiana como projeto vital, tema dos capítulos iniciais de *Ortega y Gasset e nosso tempo* (São Paulo, Filoczar, 2016). Para este pensador, como vivemos numa circunstância que é parte de nós, viver é vencer aquilo que nela impede cada um de seguir com o projeto vital. Esse é o núcleo da ontologia orteguiana, a vida de cada qual é experimentada na mais profunda solidão, é singular, é particular, é única, é intransferível como ele explica em *El hombre y la gente* (1997): “vida humana como realidade radical é somente a de cada um, é somente a minha vida.” (ORTEGA Y GASSET, 1997b, p. 99).

Há ainda um outro aspecto nuclear dessa ontologia. Essa aventura é um drama que pode ou não ter um final feliz. Levar adiante essa vida singularíssima com absoluta fidelidade ao seu núcleo interior é o que ele entende ser a autenticidade, a única forma aceitável de conduzir a vida humana. O problema fundamental do homem é pois o problema do sentido, ou de viver autenticamente, na medida em que se pode não ser fiel a esse núcleo íntimo, pode-se perder nas escolhas que faz, pode-se deixar de viver a própria vocação, pode se perder de si mesmo, que são outras formas orteguianas de dizer que o homem pode não ter ou perder o sentido de sua vida. Na *Missión del Bibliotecario*, Ortega comenta essa realidade caracteristicamente humana, o homem, e só ele, pode perder-se no sentido (1994): “A pedra não pode deixar de gravitar, mas o homem pode muito bem não fazer isso que tem que fazer”. (ORTEGA Y GASSET, 1994e, p. 210).

Esse tema essencial, a fidelidade a si, aparece em diversos ensaios de Ortega como *Ensimamiento y alteración*, e no livro *En torno a Galileo* onde afirma o filósofo (1994): “o homem não é nunca seguramente homem, mas ser homem significa precisamente, estar sempre a ponto de não sê-lo” (ORTEGA Y GASSET, 1994c, p. 305). Estar na iminência de se perder, tratar a vida como risco é o que aparece nessa frase conhecida do filósofo: “Enquanto o tigre não pode deixar de ser tigre, não pode destigrar-se, o homem vive em risco permanente de desumanizar-se” (Ibidem). O tema do fracasso aparece ligado à vocação de cada homem para dizer que cada qual não pode deixar de ser o que é, essa não é uma opção válida. Explica Ortega: “cada homem, entre seus vários seres possíveis encontra sempre um que é seu autêntico ser” (Idem, p. 138).

No mencionado ensaio *Ensimamiento y alteración*, há ainda um outro aspecto para se destacar da ontologia orteguiana, o homem vive um trânsito para fora e para dentro de si num movimento dialético, cujo fim é encontrar suas verdades fundamentais. E elas só em si se descobre (1994):

Quase todo mundo está alterado, e na alteração o homem perde seu atributo mais essencial: a possibilidade de meditar, de recolher-se dentro de si mesmo para se por de acordo consigo mesmo e precisar o que crê

desenfeitçar o mundo como serve de orientação. E a ciência faz isso quando deixa os impulsos metafísicos. Diz Jaspers (1958): “Precisamente a superação desta dependência, mediante a pureza da orientação científica no mundo, tornou conhecido em nova forma o imutável e autêntico fundamento do sentido da ciência na metafísica” (JASPERS, 1958, p. 154).

e o que não crê, o que de verdade estima e o que de verdade detesta. (ORTEGA Y GASSET, 1994d, p. 299).

A força de cada pessoa na condução do seu projeto vital, como o próprio projeto vital, também é única, depende da vitalidade e isso é uma questão biológica e singular, pode ser uma força mais intensa ou menos intensa, vitalmente boa ou não. Com esse entendimento o filósofo se aproxima das chamadas teorias vitalistas, como a de Friedrich Nietzsche, mas Ortega não espera que essa força pulsional esteja afastada da razão, pois ele não as separa. Assim o diz em *El Quijote en la escuela* (1998):

Antes que fale a ética, tem direito de falar a pura biologia. Sem sair dela, deste ponto de vista estritamente vital, nos aparece um como valor biológico positivo, como vitalmente bom, e outro como valor biológico negativo, como vitalmente mal. (ORTEGA Y GASSET, 1998a, p. 291).

A força vital varia também entre povos e épocas. Em outras palavras, depende não só da força vital mas também do povo a que a pessoa pertence e até a uma determinada época, pois há povos e épocas que estimulam os indivíduos a serem mais apaixonados e vibrantes com o que realizam. Em *Elogio del Murciélagos*, o filósofo diferencia as épocas em que os homens se preocupam mais em viver o prazer das que cuidam mais de fugir da dor. E estabelece um critério econômico para diferenciar uma época para outra, o modo como se remunera quem dá prazer ou quem cuida das dores (1998): “nas primeiras se paga mais ao menestrel provedor de prazeres que ao médico que cuida das dores, nas segundas ao médico que ao menestrel.” (ORTEGA Y GASSET, 1998b, p. 321). Ele também trata desse assunto no livro *En torno a Galileo*, onde destaca o fato de que em cada época são distintas as preocupações humanas (1994): “A vida é sempre preocupação, mas em cada época preocupam mais uma coisa que outras.” (ORTEGA Y GASSET, 1994c, p. 26).

Ao aprofundar a questão do projeto vital no capítulo X de *Qué es Filosofía?* Ortega esclarece que a força vital que move as escolhas não é em si a vida, mas a intensidade com que se vive, já que a vida mesmo é o que fazer, a direção e o significado que se dá à direção, ele explica (1997):

Minha vida não é o que se passa em minhas células como não é o que se passa com meus astros, esses pontinhos de ouro que vejo em meu céu noturno. Meu corpo mesmo não é mais que um detalhe do mundo que encontro em mim, detalhe que, por muitos motivos, me é de excepcional importância, porém que não deixa o caráter de ser tão só um ingrediente entre inúmeráveis que descubro no mundo ante mim. (ORTEGA Y GASSET, 1997^a, p. 413).

Quanto a aproximação entre o entendimento do sentido como direção e como significado ele assim examina o assunto no livro *En torno a Galileo* (1994): “O homem não pode dar um só passo sem antecipar, com mais ou menos claridade todo seu porvir, o que vai ser, o que decidiu ser em toda sua vida.” (ORTEGA Y GASSET, 1994c, p. 23). Portanto, para ele, os dois significados de sentido se implicam.

Cuida ainda Ortega de esclarecer em *Meditación del Escorial* que buscar o sentido não é trabalho puramente intelectual, mas a fidelidade com a qual se vive

a direção existencial. Quando considero que a inteligência é que fornecerá a direção, separada de todo o mais, caminho para a tristeza ou melancolia, pois quando a vontade e as forças íntimas não encontram uma razão para mover-se, a pessoa mergulha na tristeza e melancolia. Ele assim o diz (1998):

Não comia de puro pesar e melancolia [...]. E, sobretudo, ouça essa angustiada confissão do esforçado: a verdade é que não sei o que conquisto à força de meus trabalhos, não sei o que logro com meu esforço. (ORTEGA Y GASSET, 1198c, p. 560).

A extensão do problema do sentido na Psicologia segundo Frankl

O problema do sentido tem, pelo que foi dito até aqui, implicação direta no modo como se vive. Frankl a identifica com a própria vida humana e assim se aproxima de Ortega y Gasset. A questão do sentido, como expressão da liberdade, possui dimensão filosófica, pois quando se escolhe uma direção, faz-se uma opção, mesmo quando as escolhas são simples como assistir ou não a um filme ou concerto. As escolhas consideram e revelam os valores que acolhemos verdadeiramente num processo de construção vital que implica em continuamente reorientar o sentido. Conforme sintetiza Braz Teixeira em *Sentido e valor do direito* ao tratar da escola existencialista (2010):

Vê o homem como um ser aberto ao mundo, que se encontra permanentemente na situação de ter de escolher entre as suas diversas possibilidades vitais, o que implica uma valorização prévia da realidade social em que o homem se encontra inserido. (BRAZ TEIXEIRA, 2010, p. 226).

Victor Frankl observou, para além dessa realidade ontológica de que fala Ortega y Gasset, que o problema do sentido tem um aspecto psicológico porque a falta de consciência da ação ou da direção escolhida expressa um sentimento de vazio, o que levou as pessoas de nosso tempo a procurar ajuda do psicólogo e o psiquiatra, pois precisa cuidar de si já que vive escolhendo e arriscando-se. Por outro lado, a possibilidade de encontrar uma razão para o que se vive sempre é possibilidade humana. O vazio existencial e a depressão são os nomes dados às dores do século XXI e estão presentes nas queixas dos que não consideram o futuro. Procurar ajuda clínica revela um aspecto da vida voltada para o sentido, o homem adota como realidade própria o cuidar desse vazio e da depressão⁴. Esses nomes expressam a dor psicológica de ser frágil e limitado, no sentido igualmente comentado por Emmanuel Mounier na *Introdução aos existencialismos* (1963):

A primeira precariedade da minha contingência implica a contínua precariedade da minha existência. Esta não conhece qualquer aquisição

⁴ Na *Introdução à fenomenologia existencial*, Wilhelmus Luijpen afirma que essa atitude humana de cuidar de si, é para Heidegger, algo que caracteristicamente humano. Diz Luijpen (1973): "Daí a razão de afirmar Heidegger que o homem em seu ser cuida do que é, excluindo assim que isso seja apenas uma acidente do ser homem" (LUIJPEN, 1973, p. 195).

definitiva, é incessantemente posta em causa, a fazer e a refazer. A cada momento tenho que assumir de novo e retomá-la, como no princípio. Eu sou o frágil existente perdido no oceano amargo da finitude, o deus solitário e débil sem o qual esta espontânea criação de mim próprio por mim próprio, desabaria, a cada momento no nada. (MOUNIER, 1963, p.64).

A construção do sentido é realizada em meio ao risco e revela, nas dúvidas diárias, a fragilidade do homem perdido na tarefa de sempre retomar o sentido na insegurança dos resultados⁵. Kujawski trata dessa fragilidade numa metafísica do perigo que assim se expressa em *Viver é perigoso* (1986): "Viver é muito perigoso. Não porque a todo momento surjam perigos na vida, mas porque a vida é em si mesma perigosa." (KUJAWSKI, 1986 p. 4). E então observamos que se o mundo mudou tecnologicamente nas últimas décadas, não modificou a realidade íntima das pessoas no que se refere ao modo arriscado como se vive o problema do sentido, ao contrário, acentuou-se o vazio existencial de quem se sente frágil e perdido sem aquisições seguras. E o que Frankl observou é que a vida do homem é mais saudável quando mira uma meta. E essa descoberta é impressionante e experimentalmente relevante, pois apesar de tanta insegurança nas escolhas, quem tem um sentido consegue vitórias em meio aos fracassos, contradizendo assim aquela observação de Camus de que não há sentido em pensar o futuro ou ter nele um alvo. Frankl é otimista em relação ao fato. Ele disse em *A questão do sentido em psicoterapia* (1990):

não foi menos importante a lição que eu pude levar para casa de Auschwitz e Dachau: que os mais capazes, inclusive de sobreviver a tais situações-limite, eram os direcionados para o futuro, para algo ou alguém que os esperava. (FRANKL, 1990, p. 34).

Deixar de lado o sentido como queria Camus ou como quem se perde na faina diária, pelo menos para Frankl, para psicólogos e filósofos da existência é abandonar um aspecto fundamental de nossa humanidade. Na sua observação quando não sabemos a direção, porque precisamos identificar pelo menos alguns alvos para nossas escolhas, ficamos como que perdidos na vida "como ovelhas sem pastor." (Mt. 9,16), porque como as ovelhas necessitam do pastor, o homem precisa do sentido.

Possível aproximação entre o modo de vida no campo de concentração e em nosso tempo

Na terceira conferência de *A questão do sentido em psicoterapia*, Victor Frankl examina o comportamento dos presos nos Campos de Concentração onde esteve de 1942 a 1945. Na vida diária, os presos em Auschwitz e Dachau buscavam apenas o prato de sopa que lhes seria servido à noite. Não tinham as preocupações comuns das pessoas como ir ao trabalho, pagar as contas da casa, levar os filhos na escola. Esta perda da vida singular e da própria história começava com a chegada do prisioneiro no Campo. Do preso eram retirados todos os pertences,

⁵ Em *Viver é perigoso*, Kujawski tratará dos riscos inerentes à construção do sentido explicando que as bases da metafísica do perigo está na filosofia do espanhol José Ortega y Gasset que em *Ensimamiento e Alteración* considerou que, Kujawski cita e comenta, (1986): "a substância mesma da nossa vida é perigo" (KUJAWSKI, 1986, p. 4).

ficavam somente os óculos e o suspensório. Até o cabelo era raspado. Junto com os pertences retidos era como se o seu passado também ali fosse entregue, diz o autor: "ele toma como inexistente toda sua existência até o presente" (Idem, p. 98). Passada a fase da eliminação do passado o homem cai numa existência pouco digna, especialmente quando se dedica a autoconservação ele perde toda dinâmica da vida interior. A vida precisa ter um fim fora dela. Quando não tem ele se torna um animal de bando disputando alimento, sonha com o prato de comida e maltrata os mais fracos. *Ele se faz um animal de manada, esconde-se no meio dos demais para não ser notado, faz um enorme esforço para diluir-se na massa.* Porém, o homem sempre possui a alternativa de escolher um caminho distinto. Isso ele também encontrou entre os prisioneiros, pessoas que dedicavam a aliviar o sofrimento dos outros mesmo vivendo eles próprios em condições muito ruins.

O que Frankl disse é que a questão do sentido realizado no presente com vistas ao futuro, tem algo a ver com nosso passado, o passado ajuda a saber quem somos e o que fazemos. O homem é histórico, porque é um ente que vive no tempo, ele pertence a uma geração. Mas o homem é histórico também quando se diferencia do seu passado resignificado, do próprio e do de sua sociedade. Não temos como nos separar de nossas experiências, de nossos arquétipos diria Jung, mas podemos vivê-los de outro modo. O que Frankl resume é compreensão simples da fenomenologia existencial, conforme resume Luijpen (1973): "A existência humana, por conseguinte, é a unidade oposicional, a unidade em oposição do ser fatural e do poder ser, do já e do ainda não, do passado e do futuro." (LUIJPEN, 1973, p. 199). A escola fenomenológica explorou o fato de que o passado é o orientador da escolha do sentido, pois se no passado não está tudo o somos, seremos o que nos tornamos, lá estão elementos que alimentam o sentido. Frankl viu no reencontro com alguém amado e que está distante um sentido para alguns prisioneiros. Karl Jaspers, outro filósofo perseguido do nazismo, nota algo mais em *Filosofia*. Ele diz (1958): "O espírito não alcança objetividade mais que indiretamente e apenas historicamente, como função de si mesmo, e deste modo, ao aclarar-se a si mesmo, se faz fator criador, com outros, de sua própria realidade." (JASPERS, 1958, p. 218)⁶.

O texto de Frankl obriga a uma reflexão: será que pagando as contas, indo ao trabalho ou levando filhos à escola tem-se uma vida com sentido? Foi ele que se perdeu no campo de concentração. Essa rotina basta para conferir singularidade existencial, revela uma direção para a vida que Frankl considerava fundamental para bem viver e ter saúde? O comportamento massificado do campo opõe-se essencialmente à vida que se leva ordinariamente no dia a dia? Na rotina há um sentido para a vida que o campo retirou? A questão não tem uma resposta fácil e Ortega nos ensina a olhar o problema de modo radical.

Dificuldade adicional: o tempo das massas e outras considerações

A resposta para a última questão não é necessariamente positiva, como parece foi sugerido por Frankl. Talvez alguém consiga encontrar sentido em fazer tais

⁶ Diz Jaspers que a investigação sobre o passado, da cultura e o próprio, em *Filosofia* (1958): "é um dos fatores que criam a consciência histórica, porque determina seu conteúdo, e estabelece assim as condições para o possível ser si-mesmo" (JASPERS, 1958, p 218).

coisas, ou elas remetam ao amor pela família o que seria compreensível como sentido, mas tudo indica que em nosso tempo a resposta é negativa. A rotina exaustiva e o trabalho repetitivo promovem o auto-esquecimento e uma vida sem direção. E não podemos ficar nos problemas de outros tempos ou ficaremos em torno a assuntos que já não estão mais conosco. **7** Para tratar essa questão é preciso considerar o que está em *La rebelión de las masas*, onde seu autor Ortega y Gasset principia com uma constatação do mundo em que vivia (1994):

Há um fato que para o bem ou para o mal, é o mais importante na vida pública europeia do presente. Este fato é o advento das massas ao pleno poderio social. Como massas, por definição, não devem dirigir sua própria existência, e menos ainda dirigir a sociedade, quer dizer que a Europa sofre agora da mais grave crise que os povos, nações, culturas, cabe padecer [...], Se chama a rebelião das massas (ORTEGA Y GASSET, 1994a, p. 143).

O que Ortega y Gasset diz nesse texto é que quando grande número de pessoas pouco conscientes do que estão a fazer querem ditar o ritmo da civilização ela entra em crise, porque a vida traz desafios e os problemas da vida exigem consciência e excelência na solução e não repetição pura e simples. Porém, o problema tem implicações ainda mais profundas porque não só a civilização, mas as pessoas também entram em risco quando não têm direção e excelência na ação.

Podemos então indagar: qual o resultado de viver um tempo onde as massas ditam o ritmo do viver? Em sua obra fundamental *El ser y el tiempo* (1962), Martin Heidegger (HEIDEGGER, 1962) também procurou dar uma resposta para essa pergunta. Para ele, uma vida singular autêntica, vivida na intimidade do pensamento e no reconhecimento da angústia, não é transtorno psiquiátrico, mas o que permite superar a fala sem sentido e o afastamento de si mesmo. O homem quando possui vida autêntica, comenta Luijpen (1973): “é senhor de sua situação, tem nas mãos suas possibilidades, o projeto que ele é é autoprojeto.” (LUIJPEN, 1973, p. 202). E a inautenticidade e perda do significado singular de viver (ou ser um animal de manada na expressão de Frankl é não ter sentido para a vida) é o contrário dessa vida no pensamento. Heidegger explica isso no texto abaixo (1962):

Y por ser en cada caso el *ser ahí* esencialmente su posibilidad, puede este ente en su ser elegirse a si mismo, ganarse, y también perderse, o no ganarse nunca, o sólo parece ser que se gana. Haberse perdido y aún no haberse ganado sólo lo puede en tanto es, por su esencia misma, posible ser ahí propio, es decir, apropiado por sí mismo y para si mismo. (HEIDEGGER, 1962, p. 54).

Outro filósofo alemão que tratou a questão da vida sem autenticidade foi Karl Jaspers. No capítulo XI da *Iniciación Filosófica*, ele fala num mundo onde as pessoas vivem esquecidas de si mesmas, carentes de amor e mergulhadas no vazio do sentido. É o seu modo de descrever um tempo onde o homem despreocupou-se de viver com excelência sua vida singular. O primeiro resultado é uma sociedade em decadência, onde as pessoas estão entregues a si próprias e ao seu sentido pessoal, onde o sentido da vida fica restrita ao âmbito particular (1987):

onde a tradição encontra cada vez menos adeptos, num mundo que subsiste apenas como ordem exterior, destituído de simbolismo e transcendência, que deixa a alma vazia sem dar satisfação ao homem; este se o mundo não o prende, fica a mercê de si próprio, da cupidez e do tédio, da angústia e da indiferença. (JASPERS, 1987, p. 109).

Porém o problema se torna ainda mais grave quando os filósofos do século passado constatam que nessa sociedade vazia de ordem, o homem não tem cuidado de sua vida pessoal. Sem se preocupar em construir juntos o destino de todos ficam concentrados em garantir algum tipo de ocupação para a vida singular. Porém essa solução individual, que parece própria dos momentos de mudanças históricas ou de crise, também não está indo bem.

Como se lê nos capítulos de *O Homem e a Filosofia* (2007), quando começamos a pensar a relação entre o sujeito concreto e as realizações da sociedade em que ele vive nota-se uma relação dialética entre procura do sentido que se realiza na consciência pessoal e nos produtos do espírito reunidos na vida social ou na cultura. Eis o que está no livro (2007):

O estar no mundo, no meio das coisas, é uma circunstância fundamental, uma realidade básica, uma relação insuperável. É no mundo que a vida humana, com seus limites e possibilidades, ganha efetividade. É como tal que o problema da realidade, de tudo quanto há ganha uma forma de exprimir. (CARVALHO, 2007, p. 38).

E o livro segue dizendo que os produtos da cultura aparecem na consciência do indivíduo concreto como um objeto, do mesmo modo que também nela se expressa a natureza, também ela objeto, mas diverso da cultura. Portanto, como objeto da consciência pessoal a cultura surge numa consciência intencional concreta, para ficarmos nas palavras de Edmund Husserl, mas objetivada em produtos espirituais e não como a realidade material do mundo natural. Dito de outro modo, temos uma forma de pensar cujos aspectos são apreendidos, cridos, pensados, como objetos da própria consciência do homem singular, que com essa realidade se depara. Karl Jaspers disse, na *Iniciação Filosófica*, que vivemos num tempo em que o mundo da cultura não oferece muito e que cabe a cada homem tratar do sentido da própria vida, pois a consciência intencional nas pessoas concretas, se movimenta num ritmo regular diferente da cultura onde ela está em inquieta e continua transformação evolutiva expressa na história das criações da cultura no tempo: nas línguas, na arte, nos costumes, nas leis, dos estados, das religiões. Então, se como disse Jaspers e também Ortega y Gasset, na cultura não há nada que garanta a autenticidade da pessoa, se a própria pessoa não cuidar de pensar o sentido, de encontrar uma direção na vida, mergulhará no vazio existencial. Vazio existencial entendido como fazer escolhas sem propósito. Portanto, fica a cada homem o desafio de construir o sentido, o que conforme procuramos indicar, também não se dá em nossos dias de forma generalizada⁷. É essa a raiz do tempo das massas de que fala Ortega y Gasset.

⁷ Em *Ética*, procura-se mostrar que embora o mundo tenha exteriormente mudado nos últimos anos a sociedade continua sendo de massas e isso cunhou um novo homem massa. Ele (2010): "não apenas foge

Voltando a *O Homem e a Filosofia* tem-se um outro aspecto da questão. Ao entregar-se conscientemente à construção do sentido, como queria Frankl, começa-se a mudar não só o próprio, mas o vazio humano de nossa sociedade. Ao objetivar valores bem pensados no campo pessoal os indivíduos se colocam na dinâmica de construção de uma nova sociedade, ou melhor de um novo tempo para a sociedade. Dito de outro modo, o tema de *O Homem e a Filosofia* é que precisamos construir um significado para nossa existência pessoal com pretensão Frankl e, com isso contribuir para estabelecer a identidade de nosso tempo. Há uma diferença de amplitude na tarefa, enquanto conceber o sentido da vida pessoal depende exclusivamente de nós, a criação da cultura, é obra coletiva da qual participamos. Construir uma vida social capaz de acolher o homem singular e ajudá-lo a viver o sentido, como ocorreu em outros tempos, exige em momentos de crise um esforço pessoal de enfrentamento do vazio coletivo, da falta de valores reconhecidos.

A radicalização do problema na meia idade, outra lição de Ortega y Gasset

Um aspecto importante quando se pensa o problema do sentido é a relevância que ele adquire por volta da metade da vida. Esse é um tema pouco explorado por Frankl, o ter a vida ritmos, distinguindo o relógio biológico definido pelas horas de dormir, comer, acordar, e dando consciência do tempo vivido e ainda por viver. É a vida biográfica que muda a perspectiva do tempo e muda o modo como se vive as emoções e a circunstância. Não é que não tivesse importância antes, não é que o sentido tenha mais peso numa época ou noutra, mas é quando se chega por volta dos quarenta anos se adensa a urgência de viver. Como foi sintetizado em *Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset* (2002): “mudamos verdadeiramente ao longo da vida, novas opções ganham força em etapas diversas de nossa vida” (CARVALHO, 2002, p. 322) E quando se enfrenta uma grande mudança? Em *No meio da vida, uma perspectiva jungiana*, Murray Stein menciona uma mudança profunda que se verifica nas pessoas quando elas atingem os anos que se estendem dos 35 aos 50 anos. Nesses anos as pessoas vivem profundas transformações. Ele explica que (2007):

No meio da vida é um período em que as pessoas muitas vezes dão guinadas existenciais que mudam tudo, e revolucionam um mundo que parecia seguro, tanto social quanto psicologicamente. Neste momento as pessoas fazem mudanças radicais, cortam raízes, rompem padrões e vagam pelo mundo em busca de alguma coisa, mas que coisa seria essa? (STEIN, 2007, p. 36).

do esforço, do empenho para mudar as coisas, do esforço para a auto-realização, não é apenas o medíocre pretensioso de que falava Ortega y Gasset. Ele se tornou o consumista compulsivo, sorvendo tudo o que dá prazer imediato porque teme a falta de sustentação do crescimento econômico e a emergência de dificuldades econômicas que reduzam o enriquecimento global. Esse homem mantém relacionamentos humanos superficiais porque é consciente das mudanças da vida e se ocupa pouco de aprofundar seu entendimento das coisas e de suas possibilidades, pois visa apenas o lucro rápido ou o prazer imediato” (CARVALHO, 2010^a, p. 164)

As diversas razões para que se estabeleça tão profunda mudança, as mais significativas são: a sensação de fracasso que surge quando o indivíduo considera o que foi realizado com os sonhos da juventude, a inevitável sensação de perda da vitalidade com os primeiros sinais do envelhecimento, mas especialmente o medo da morte e “uma sensação de que não haverá mais tempo hábil para viver de verdade” (Idem, p. 39). Na perspectiva jungiana, trata-se de uma guinada de orientação da pessoa para o Self, que significa uma jornada íntima em direção ao que há de mais profundo em nós, deixando para trás os elementos de influência mais forte da família e da cultura. Mesmo sem precisar idades, na perspectiva de Frankl pode-se dizer que as pessoas mudam sua orientação existencial, isso afeta sua dinâmica psicológica, promove uma alteração dos afetos e ela afeta as relações sociais, a rotina, pedindo uma reorganização existencial. Colocado o problema na ótica do sentido o que foi dito significa a necessidade de um novo nexos, já que antes o sujeito nem sempre se ocupa de amarrar a realidade pessoal com a consciência do seu fim. Portanto, para Frankl não se trata de valorização do self, mas de plenitude de sentido. Isto é, se a pessoa já se ocupava com o nexos irá aprofundar esse nexos na perspectiva da finitude ou vai perder-se nos últimos anos de vida.

Caso fiquemos na descrição dos fatos como faz a fenomenologia existencial e Frankl, o meio da vida é o período em que as alterações biológicas do envelhecimento nos colocam diante do inevitável desfecho que é a morte e ela, boa conselheira e companheira de jornada, acirra o significado da finitude existencial e dos riscos de viver sem um sentido, isto é, de estar afastado dos aspectos íntimos que pedem fidelidade na condução da existência.

Esse desafio de autenticidade de que falam os filósofos e psicólogos da existência foi considerado pelos autores mencionados e não só Frankl. Ortega y Gasset é, parece quem melhor se dá conta de que o meio da vida é o momento em que se passa por significativas mudanças para a plenificação do sentido. Ele o diz em *La elección en amor* (1994):

A personalidade experimenta no transcurso de sua vida dois ou três grandes transformações que são como que estágios diferentes de uma mesma trajetória moral. Sem perder a solidariedade, mais ainda, a homogeneidade radical com nosso sentir de ontem, certo dia percebemos que ingressamos em uma nova etapa de modulação de nosso caráter. (ORTEGA Y GASSET, 1994b, p. 609).

O filósofo espanhol destaca que esse novo momento é reconstrução do passado e precisa renovar o nexos já elaborado. E quanto ao reordenamento afetivo da meia idade ele o observa concretamente no enamoramento. Afirma que o homem ama duas ou três mulheres na vida. Entenda-se que esse amor não significa exclusivo interesse sexual, que se pode ter por mais de duas mulheres ao longo da vida e nem dos pequenos encantamentos que se pode viver com mais frequência ao longo da existência. Nesses casos o interesse não contempla um outro tipo de mulher, mas o mesmo e assim não é difícil permanecer na antiga relação. Quando o filósofo fala de um novo amor quer dizer enamorar-se por um tipo feminino diferente, porque “ao novo modo de sentir a vida se ajusta rigorosamente a preferência por um tipo distinto de mulher” (Idem, p. 610). Nesses casos, a nova figura da amada “recolhe e concentra em cada etapa os raios da vitalidade que muda”

(Ibidem). Contudo, isso não significa que ele preconize que cada indivíduo vá estabelecer uma segunda ou ainda uma terceira relação. Ele próprio esteve casado uma única vez, mas para isso duas coisas parecem fundamentais. O indivíduo se dar conta desse processo natural, entender o enamoramento na meia idade e escolher não levar adiante o relacionamento, e parceira estar também passando pela requalificação do sentido. Desse modo, como somos diferentes na meia idade do que um dia fomos na juventude, também a amada precisaria estar diferente. Do contrário a permanência na relação será o prolongamento da rotina, da comodidade, do desamor e da infelicidade.

O fundamental, parece, é que a meia idade acirra a exigência da construção do sentido e do empenho de fidelidade ao projeto vital. Construir o sentido é uma exigência sempre, pois o homem, como diz Luís de Araújo em *O sentido existencial da Filosofia* é (s.d.):

Caminhante entre o nascimento e a morte, inquieto e imerso numa circunstância de coisas silenciosas, qualquer ser humano se vê a braços com a inexorável tarefa de construir um significado mais ou menos pleno para a sua intransferível vida, ao mesmo tempo que esboça explicações para o enigma cósmico que o envolve. (ARAÚJO, s/d, p. 9).

Quanto à exigência da plenificação do sentido essa é realidade situada no meio da vida. Frankl nota essa exigência, mas não a situa precisamente numa etapa da evolução vital.

Como enfrentar o desafio de fazer o sentido

Essa não é uma resposta fácil ou unânime. A construção do sentido pessoal foi considerado de várias formas pelos diferentes filósofos e psicólogos, concentrando-se Frankl numa espécie de inconsciente espiritual que aponta para frente. Algumas indicações gerais podem ajudar na procura do sentido, quando meditamos sobre o legado de Ortega y Gasset e Victor Frankl:

- Encontrar uma direção para a vida fica facilitada quando se descobre os motivos pelos quais algumas coisas ocorreram conosco. Não podemos privar cada homem de seu passado e da sua herança social. O autoconhecimento que vem com o autoexame e com as procuras interiores ajudam a clarear a trajetória existencial que se está cumprindo. Talvez ajude a superar o desafio de autoconhecimento responder algumas questões como as que se seguem: por que algumas coisas nos machucam quando não precisariam? Quais as dores mais profundas que sinto? De onde elas vêm? Por que abandonamos coisas e pessoas? Por que algumas pessoas nos fazem mal outras bem? Percebo as razões? Quais os sonhos mais relevantes que temos ou tivemos? Nossas escolhas diárias e ou excepcionais estão em conexão com esses sonhos? Fazemos opções que modificam nossa existência (profissão, amigos, amor, etc.)? Viver é, de certo modo, uma procura. O que procuramos?
- Superar as ameaças que dificultam nossa singularidade e entender os sonhos que acalentamos é fundamental para buscar o sentido: Isso pode

ser auferido pelas respostas às seguintes perguntas: Por que estamos deixando de lado a gentileza como modo de viver? As durezas da vida, em nosso tempo, orientam nessa direção? Sonhamos algo? Como são nossos sonhos? Como nossos desejos se colocam na sociedade, qual o papel que desempenham em nossa vida? Afirmam Pompeia e Sapienza em *Na presença do sentido* (2004): “Meus sonhos eram os meus sonhos, eram o meu desejo e não a realidade do mundo.” (POMPEIA, SAPIENZA, 2004, p. 39).

- Desenvolvemos a sensibilidade para apreciar a arte e o belo? Encantamos com o mundo, cultivamos o conhecimento e meditamos sobre uma vida boa. Por que negligenciamos nossa formação e desenvolvimento? Por que deixamos o que nos encanta para viver projetos alheios ou caminhos tortos? Por que pouco nos encanta em meio a tanta preocupação com a utilidade? Nossas fragilidades e limitações dificultam reagir contra as forças do mundo?
- Dar um significado próprio à morte é importante para quem busca o sentido, pois só nele há consolo para o modo como se gasta a vida. Sem sentido viver é gastar a vida com nada. Perguntamos então: o que tem ocupado nossos dias? O que nos entusiasma? O que nos desafia? Pensar o sentido para o que nos ocupa causa sofrimento? Nos assusta olhar a vida em vista a um fim? Como vivemos a solidão de sermos nós mesmos na construção do sentido? Como a nossa morte pergunta pelo que fazemos em cada dia?

Considerações finais

Quando consideramos a questão do sentido de forma ampla, como significado e nexos, mas também como direção, o problema do sentido se torna um assunto que é de todas as pessoas, como sugerem Victor Frankl e Ortega y Gasset. E ainda, isso mostra que aquelas pessoas que se dedicam a pensar o sentido dão maior densidade a sua vida e a tornam mais interessante. Se podemos viver escolhendo a cada momento o que faremos, tudo isso ganha riqueza vivencial quando vem acompanhada da preocupação com o nexos e com a consciência da direção. Pois viver resolvendo as dificuldades sem significar a experiência é possível, mas não parece base de uma vida boa, além do que não prende a pessoa na existência como observou Victor Frankl.

A construção do sentido obriga a estar no presente com os olhos no futuro, mas não esconde o peso do passado, da história pessoal e da tradição cultural. Por isso, é preciso aprender a conviver com as dores que trazemos em razão de uma ou da outra herança. E, nesse sentido, a meditação filosófica e a orientação psicológica ajudam o homem, a primeira a encontrar um sentido e a segunda a conseguir sustentá-lo.

Os ensinamentos de Frankl e sua atividade clínica parecem oferecer uma sustentação empírica e comprovação científica ao entendimento orteguiano de que o projeto vital não é algo que se possa negligenciar. Se o perdemos ficamos mais próximos da morte, quer porque não temos razão para viver, quer porque não encontramos sentido na faina diária e descuidamos dela.

Creio que se possa ir ainda mais fundo. A realização do projeto obriga que consideremos tanto a situação cultural de nosso tempo, como a realidade de nosso corpo e psiqué. Enfim, tudo aquilo que Ortega y Gasset reunia sob o conceito circunstância. Não se leva adiante o sentido sem considerar o que somos. Muitas vezes nossas dores nos impedem de ir aonde precisaríamos, como impede nossa intimidade e de estar com quem nos faria boa companhia. Estar fora do sentido, sem viver conforme si mesmo, é cair, como diz Jaspers (1958): “no juguete de infinitas possibilidades.” (JASPERS, 1958, p. 234).

Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Luís de. *O sentido existencial da Filosofia*. Porto: [s.d.]. Rés-editora.
- BRAZ TEIXEIRA, António. *Sentido e valor do Direito*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2010.
- CARVALHO, José Mauricio de. *Introdução a filosofia da razão vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002.
- _____. *O Homem e a Filosofia, pequenas meditações sobre a existência e a cultura*. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2007.
- _____. *Estudos de Filosofia Clínica, uma abordagem fenomenológica*. Curitiba: IBPEX, 2008.
- _____. *Ética*. São João del-Rei: UFSJ, 2010a.
- _____. O problema do sentido. *Estudos Filosóficos*. São João del-Rei: UFSJ, n. 5, 41-58, 2010b.
- _____. *Diálogos em Filosofia Clínica*. São Paulo: Filoczar, 2013.
- _____. Ortega y Gasset, a vida como realidade metafísica. *Trans/form/ação*. Marília, v. 38, n.1, p. 167-186, jan./abr. 2015.
- ESPÍNOLA, Maria Christina de Oliveira. *Albert Camus, para uma ética da solidariedade*. Londrina: EDUEL, 1998.
- FRANKL, Victor. *A questão do sentido em psicoterapia*. Campinas: Papirus, 1990.
- HEIDEGGER, Martin. *El ser y el tiempo*. 2. ed. México. Fondo de Cultura Económica, 1962.
- JASPERS, Karl. *Filosofía*. Puerto Rico: Universidad de Puerto Rico, 1958.
- _____. *Iniciação Filosófica*. Lisboa: Guimarães, 1987.
- KUJAWSKI, Gilberto. *Viver é perigoso*. 2. ed. São Paulo: GDR, 1986.
- _____. *O sentido da vida*. São Paulo, Gaia, 2010.
- LUIJPEN, Wilhelmus Antonius Maria. *Introdução à fenomenologia existencial*. São Paulo: EPU, 1973.
- MOUNIER, Emmanuel. *Introdução aos existencialismos*. São Paulo: Duas Cidades, 1963.
- POMPEIA, João Augusto e SAPIENZA, Bilê Tatit. *Na presença do sentido*. São Paulo: Paulus, 2004.

ORTEGA Y GASSET, José. El Quijote en la escuela. *Obras Completas*, 2ª reimpressão, v. II, Madrid, Alianza, 1998a.

_____. Elogio del Murciélago. *Obras Completas*, 2ª reimpressão, v. II, Madrid, Alianza, 1998b.

_____. Meditación del Escorial. *Obras Completas*, 2ª reimpressão, v. II, Madrid, Alianza, 1998c.

_____. La rebelión de las masas. *Obras Completas*, 2ª reimpressão, v. IV, Madrid, Alianza, 1994a.

_____. La elección en amor. *Obras Completas*, 2ª reimpressão, v. V, Madrid, Alianza, 1994b.

_____. En torno a Galileo. *Obras Completas*, 2ª reimpressão, v. V, Madrid, Alianza, 1994c.

_____. Ensimasmiento y alteración. *Obras Completas*, 2ª reimpressão, v. V, Madrid, Alianza, 1994d.

_____. Misión del Bibliotecario. *Obras Completas*, 2ª reimpressão, v. V, Madrid, Alianza, 1994e.

_____. Qué es Filosofía? *Obras Completas*, 2ª reimpressão, v. VII, Madrid, Alianza, 1997a.

_____. El hombre y la gente. *Obras Completas*, 2ª reimpressão, v. VII, Madrid, Alianza, 1997b.

STEIN, Murray. *No meio da vida, uma perspectiva jungiana*. São Paulo, Paulus, 2007.